
Análise dos principais domínios em contexto antivacina em canais e grupos do Telegram¹

Renata Rodrigues Coutinho²
Carlos Frederico de Brito d'Andréa³

Resumo

Esta pesquisa analisou a circulação de links em contextos desinformativos no Telegram, através da identificação dos 20 principais domínios compartilhados em 920 canais/grupos brasileiros, no primeiro semestre de 2023. Utilizando o software Telegram Observatory, coletou-se 81.131 mensagens com o termo "vacin", das quais 44.031 (54,25%) continham links. A análise quanti-qualitativa revelou: (1) concentração de 60,9% dos links em 20 domínios, com destaque para mídias hiperpartidárias (29,09% dos compartilhamentos); (2) migração para plataformas alternativas (BitChute, Rumble); e (3) predominância de conteúdos em inglês (70%). Os resultados evidenciam que o Telegram funciona como infraestrutura central para comunidades antivacina, não apenas hospedando, mas ativamente moldando a produção e consumo de desinformação.

Palavras-chaves: Telegram; Plataformas; Links; Desinformação.

1. Contextualização

A internet tornou-se uma das principais fontes de informação em saúde, influenciando diretamente a formação de opinião e decisões individuais (Kata, 2012). Durante a pandemia de COVID-19, esse fenômeno intensificou-se, criando um cenário de sobrecarga informacional que misturava dados corretos e errôneos, contexto que a Organização Mundial da Saúde (OMS) caracterizou como infodemia (Alzamora et al, 2022). Nesse ambiente, as mídias sociais amplificaram não apenas rumores, mas também tentativas sistemáticas de gerar controvérsias sobre evidências científicas, especialmente em torno da vacinação.

¹Trabalho apresentado no GP de Tecnologias e Culturas Digitais, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Mestrado do Curso de Comunicação Social - UFMG. Bolsista Fapemig. Pesquisadora do R-EST - estudos redes sociotécnicas. Email: renatacoutinho0125@gmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da UFMG e coordenador do grupo de pesquisa R-EST - estudos redes sociotécnicas, Email: carlosfbd@gmail.com

O Telegram emerge como plataforma fundamental para análise desse fenômeno devido às suas particularidades técnicas: arquitetura criptografada, difícil rastreabilidade (Scheren, 2024) e funcionalidades que potencializam a viralização, como supergrupos com até 200 mil membros (Cavalini, 2022). Essas características tornam a plataforma um ambiente fértil para a disseminação de desinformação, especialmente quando difundida por atores que se autoproclamam especialistas — médicos, cientistas ou "pesquisadores independentes" — explorando sentimentos de desconfiança nas instituições e medos coletivos (Coutinho, 2023). Conforme Nascimento (2021), essa estratégia mostra-se eficaz em contextos marcados por baixo letramento científico e dificuldade em avaliar a credibilidade de fontes informacionais.

Nesse cenário, esta pesquisa tem como objetivo analisar os links mais compartilhados por canais e grupos antivacina do Telegram brasileiro durante o primeiro semestre de 2023. Partimos do pressuposto de que esses links funcionam como vetores cruciais na disseminação de conteúdos enganosos, servindo tanto como fontes de informação quanto como elementos de conexão entre diferentes atores (canais/grupos) e plataformas.

Assim, este estudo se mostra relevante por apresentar uma nova perspectiva sobre a circulação de conteúdos de desinformação vacinal no Telegram. Além de auxiliar na identificação das principais fontes (domínios) usados para embasar as narrativas que circulam entre as comunidades antivacina nesse ambiente. Já que o intenso fenômeno de circulação de desinformação dentro das plataformas, abrange não somente notícias falsas mas também envolve descontextualização, fragmentação e tendenciosidade (d'Andréa; Henn, 2021).

Dado essa conjuntura, o movimento antivacina presente no Telegram não pode ser entendido apenas como um aglomerado de teorias conspiratórias e difusão de inverdades, mas sim parte de um ecossistema maior de desinformação, que utiliza a plataforma como um centro de radicalização e mobilização, funcionando como uma infraestrutura ativa que molda como a desinformação é produzida e consumida.

2. Metodologia

A base de dados usada para a realização desta pesquisa se inicia com 148 canais e grupos, selecionados manualmente em 2022 por pesquisadores (inclusive a autora) do Laboratório de Internet e Ciência de Dados (Labic), do Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes) para a realização de um trabalho conjunto como o Instituto Capixaba de Ensino, Pesquisa e Inovação em Saúde (Icepi). Naquele período (ano eleitoral) o debate antivacina estava fortemente entrelaçado com tensões políticas, uma vez que o ex-presidente Jair Bolsonaro, durante seu mandato fez constantemente declarações que descredibilizavam a pandemia⁴ e a segurança dos imunizantes⁵, nosso mapeamento inicial naturalmente também seguiu estas tendências.

Visando realizar um diagnóstico mais amplo do sistema desinformacional que se constituía no Telegram, a base foi expandida de forma automatizada pelo software *Telegram Observatory*⁶ para 920 canais e grupos. Esta mesma base foi usada em minha monografia, onde eu fiz um esforço de classificar estes atores em 9 categorias, resultado em 240 atores catalogados como *Conspiracionistas*, 74 como *Mídia Partidarizada*, 25 como *Especialistas*, 42 como *Atores Antivacina*, 46 como *Religiosos*, 186 como *Extremistas Políticos*, 115 como *Internacionais*, 43 como *Outros* e 149 como *Deplataformizados* (Coutinho, 2023). Estes mesmos atores compõem o corpus analisado neste texto, ou seja, de janeiro a junho de 2023.

O histórico de mensagem dos grupos e canais foram coletados através do mesmo software, de forma retroativa, respeitando o intervalo de no mínimo seis meses. O dataset também foi filtrados pelo termo “vacin”, pois se trata de um radical para palavras como “vacinação”, “vacina”, “vacinei”, “vacinamos”, etc; e transformados em planilhas (CSV) onde se tornou possível categorizar os links de modo

⁴ Ex presidente Jair Bolsonaro se refere a pandemia como “gripezinha”. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/03/24/leia-o-pronunciamento-do-presidente-jair-bolsonaro-na-integra.htm>

⁵ Ex presidente Jair Bolsonaro ataca a vacinação e questiona hostidade da Anvisa. Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2022/01/06/bolsonaro-ataca-a-vacinacao-e-questiona-a-hostidade-da-anvisa-comunidade-medica-repudia.ghtml>

⁶ Mais informações sobre o software de coleta usado para a realização deste trabalho estão disponíveis em: <https://github.com/athuscavalini/telegram-observatory?search=1>

quali-quantitativo, buscando identificar os domínios que mais se repetiam, o que eles eram (portal de notícias, plataforma, etc), e o idioma usado. Pois, o uso de uma abordagem qualitativa pode oferecer *insights* importantes sobre o quadro que é observado a partir das métricas originadas pela abordagem quantitativa (Recuero, 2017).

Diante disso, para a realização desta pesquisa, nossa metodologia de análise combina uma abordagem dupla para examinar os dados coletados. Num primeiro momento, adotamos uma perspectiva microanalítica, trabalhando com os dados agregados em uma tabela para identificar informações gerais e porcentagens que revelam as tendências predominantes no conjunto total de links examinados. Paralelamente, realizamos análises microanalíticas focadas em analisar domínios específicos que emergem como particularmente relevantes ou representativos durante o exame dos dados. A combinação dessas duas escalas de análise, nos fornece uma compreensão mais completa e estratificada do fenômeno estudado.

3. Resultados

Dada a extensa quantidade de dados, adotamos como critério de análise os 20 domínios mais compartilhados por canais e grupos pertencentes a comunidade antivacina do Telegram brasileiro, ou seja, as que mais se repetiram em diferentes mensagens, e potencialmente circularam mais entre os usuários. Os 20 domínios analisados representam 60,9% do total de links identificados em nosso corpus.

Este recorte se justifica, pois, facilita uma análise mais abrangente dos conteúdos com maior impacto dentro do sistema desinformativo na plataforma. Além disso, oferece uma amostra qualificada das estratégias discursivas mais eficazes equilibrando a necessidade de profundidade analítica com o manejo de um volume massivo de dados, permitindo que nossa pesquisa capture os elementos centrais da desinformação antivacina que efetivamente tiveram maior adesão no período estudado.

A presente análise partiu de 81.131 mensagens coletadas com a raiz lexical ‘vacin’. Deste universo, 44.031 mensagens (54,25% do total) continham pelo menos um link, evidenciando a importância deles como vetores de disseminação informacional nestas comunidades.

A inspeção deste dataset revelou ainda a presença de 1.382 domínios distintos, demonstrando uma significativa diversidade de fontes. Destes 346 domínios (25,04% do total) apareceram apenas uma vez no período analisado, enquanto os restantes 1.036 domínios (74,96%) foram compartilhados duas ou mais vezes. Identificamos também que 60,9% (26.827) dos links compartilhados estão vinculados a apenas 20 domínios, o que indica a existência de um núcleo central de fontes que concentram a maior parte do tráfego informacional nesses canais e grupos.

Estes 20 principais domínios estão presentes na tabela abaixo, que inclui também o número de ocorrências que cada um deles possui, uma descrição qualitativa do tipo de conteúdo veiculado e o(s) idioma(s) predominante(s).

Tabela 1: TOP 20 domínios aos quais estão vinculados os links mais compartilhados no Telegram no 1º semestre de 2023

	Domínio	Nº de ocorrências	Descrição	Idioma
1	t.me	7546	URL encurtada que direciona para o Telegram	Múltiplos
2	tribunanacional.com.br	4145	site de mídia hiperpartidária com tendências antivacina	Português
3	youtube.com	2364	plataforma de compartilhamentos de vídeos	Múltiplos
4	verdadecensurada.com.br	1586	site de mídia hiperpartidária com tendências antivacina	Português
5	childrenshealthdefense.org	1530	ONG conhecida por defender o movimento antivacina	Inglês
6	bitchute.com	1481	alt-tech de armazenamento de vídeos alternativa ao Youtube	Múltiplos
7	articles.mercola.com	1062	fundado por Joseph Mercola, se auto identifica como um “portal para informações e recursos acerca da saúde natural”	Inglês
8	media.mercola.com	1055	site também filiado ao Joseph Mercola	Inglês

	Domínio	Nº de ocorrências	Descrição	Idioma
9	twitter.com	962	plataforma de mídia social	Múltiplos
10	rumble.com	786	alt-tech de armazenamento de vídeos alternativa ao Youtube	Múltiplos
11	bit.ly	483	site encurtador de URL	Múltiplos
12	gov.br	471	portal oficial do governo federal	Português
13	thevaccinereaction.org	469	ONG conhecida por defender o movimento antivacina	Inglês
14	expose-news.com	459	site de mídia hiperpartidária com tendências antivacina	Inglês
15	coletividade-evolutiva.com.br	442	site de mídia hiperpartidária com tendências antivacina	Português
16	epochtimes.com.br	419	site de mídia hiperpartidária com tendências antivacina	Português
17	live.childrenshealthdefense.org	409	ONG conhecida por defender o movimento antivacina	Inglês
18	instagram.com	404	plataforma de mídia social	Múltiplos
19	healthimpactnews.com	392	site de mídia hiperpartidária com tendências antivacina	Inglês
20	terrabilnoticias.com	362	site de mídia hiperpartidária com tendências antivacina	Português

Fonte: produzida pela autora, a partir de coleta de dados do Telegram (2023).

Como pode ser observado, em primeiro lugar está o domínio aos quais estão associados postagens do próprio Telegram (t.me) com 7.546 compartilhamentos. Este movimento indica que o sistema desinformativo que se constituiu na plataforma possui características endógenas, ou seja, ele se desenvolve a partir de influências e conteúdos gerados internamente dentro da plataforma. Essa característica demonstra um protagonismo da plataforma na estruturação de comunidades antivacina.

Em seguida aparece o domínio do site de mídia hiperpartidária com tendências antivacina conhecido por suas matérias sensacionalistas⁷ que criaram pânico e temor quanto à segurança dos imunizantes (tribunanacional.com.br), contra a Covid-19, durante a pandemia. O site desempenhou um papel ativo na criação e viralização de desinformação vacinal⁸ acumulando 4.145 ocorrências somente no primeiro semestre de 2023.

A Tribuna Nacional também possui um canal (canaltribunanacional) e um grupo (tribunanacionalchat) no Telegram que facilita a distribuição de conteúdos e a comunicação com seus seguidores. Nesse sentido, a criação de um veículo de mídia hiperpartidário auxilia na circulação de desinformação antivacina, uma vez que validam e ampliam os debates dentro desses ambientes (canais/grupos), conferindo ainda uma aparência de credibilidade.

Dinâmica semelhante também pode ser observada através da simbiose entre o canal “verdade censurada”, o grupo "Jornal Verdade Censurada" e seu domínio homônimo (verdadecensurada.com.br), site que está em quarto lugar entre os mais presentes nas mensagens analisadas com 1584 ocorrências.

Os dados descritos na **Tabela 1**, revelam um outro dado preocupante: 7 (35% do total) dos 20 domínios são referentes a links de conteúdos mídia hiperpartidária que operam à margem dos padrões profissionais — não apenas negligenciando critérios básicos de apuração, mas ativamente construindo narrativas paralelas que contestam sistematicamente os veículos de mídia consolidados. A soma desses 7 domínios, resulta em 7.805 ocorrências, o que corresponde a 29,09% do total de 26.827 mensagens que continham links.

A predominância dessas fontes "independentes" (quase um terço de todos os links compartilhados) evidencia não apenas sua penetração nesses espaços, mas também

⁷ Matéria do Estadão desmentido a matéria do portal Tribuna Nacional. Disponível em: <https://www.estadao.com.br/estadao-verifica/falso-melhor-patologista-mundo-vacinas-cancer-infertilidade/>

⁸ O site “Tribuna Nacional” foi responsável por viralizar o termo "VAIDS", usado por negacionistas para espalhar a falsa ligação entre a aplicação de vacinas e o surgimento de AIDS#, como identificado pela Secom (Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República). Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/checamos/site-desinformador-sai-do-ar-apos-justica-mandar-apagar-membras-sobre-vacinas-e-aids,4a772038f92bc9105f2a1e77fb918f1brjkqe059.html>

sugere um alto grau de confiança e legitimidade que esses canais conquistaram entre os membros dessas comunidades antivacina. Esse fenômeno aponta para um preocupante afastamento das fontes jornalísticas convencionais e uma migração para ecossistemas informacionais alternativos que frequentemente promovem visões contrárias ao estabelecimento científico e midiático.

A análise dos padrões de links compartilhados revela ainda uma clara preferência por plataformas alternativas entre as comunidades antivacina no Telegram, evidenciando um afastamento deliberado também de mídias sociais populares e com regras de moderação de conteúdo mais rígidas. Pois, enquanto o Instagram, uma das plataformas mais populares no Brasil⁹ aparece na 18ª posição entre os domínios compartilhados, plataformas *alt-techs* como BitChute (6º lugar) e Rumble (10º lugar), que possuem baixa adesão do público geral, se estabelecem entre as mais compartilhadas. Essa migração seletiva para plataformas alternativas demonstra a capacidade de adaptação desses grupos, que recorrem a espaços menos regulados quando enfrentam políticas mais rígidas em plataformas mainstream.

O YouTube, parece ser um caso à parte, pois mesmo possuindo políticas¹⁰ explícitas contra conteúdos desinformativos, ocupar a terceira posição entre os domínios mais compartilhados. Sendo mais utilizado, por exemplo que o BitChute, uma alt-tech que possui funcionalidades similares, e se apresenta como defensora da "liberdade de expressão sem censura", adotando políticas de moderação extremamente permissivas, o que a transformou em uma ambiente próspero para a extrema direita e grupos radicalizados¹¹.

Um outro aspecto revelador é a significativa presença de materiais em língua inglesa, idioma que, segundo Menezes (2023), apenas 5% da população brasileira domina com proficiência. Em nossos dados, apenas 30% (6 domínios) estão exclusivamente em Português, enquanto os 70% restantes (14 domínios) consistem em

⁹Redes sociais mais usadas no Brasil. Disponível em:

<https://www.rdstation.com/blog/marketing/redes-sociais-mais-usadas-no-brasil/>

¹⁰ Políticas contra a desinformação do Youtube. Disponível em:

https://www.youtube.com/intl/ALL_br/howyoutubeworks/our-commitments/fighting-misinformation/c

¹¹ Nova geração de sites de vídeos prospera desinformação e ódio. Disponível em:

<https://www.jb.com.br/internacional/2022/08/1039257-nova-geracao-de-sites-de-video-prospera-com-desinformacao-e-odio.html>

conteúdo em inglês (35%) ou em múltiplos idiomas (35%). Essa predominância de material em língua estrangeira favorece a circulação de narrativas distorcidas, já que muitos usuários dependem de traduções ou interpretações de terceiros – frequentemente feitas por atores interessados em manter a desinformação.

4. Conclusões

Esta pesquisa analisou os padrões de disseminação de desinformação antivacina no Telegram, através da identificação dos 20 principais domínios compartilhados em 920 canais e grupos brasileiros durante o primeiro semestre de 2023. A abordagem metodológica combinou análise quantitativa de 44.031 mensagens com links (54,25% do total coletado) e exame qualitativo dos conteúdos, revelando um ecossistema desinformativo complexo e altamente organizado.

Os resultados demonstram três dinâmicas preocupantes: primeiro, a concentração de 60,9% dos links em apenas 20 domínios, com destaque para fontes de "mídia independente" (35% do total), que somaram 7.805 ocorrências (29,09% dos compartilhamentos). Segundo, a migração seletiva para plataformas alternativas como BitChute e Rumble, que ocuparam posições mais destacadas que o Instagram, evidenciando uma rejeição deliberada aos espaços convencionais. Terceiro, a predominância de conteúdos em língua estrangeira (70% dos domínios), que facilitam distorções e interpretações tendenciosas.

O estudo revelou ainda como o Telegram funciona como infraestrutura central para essas comunidades, não apenas hospedando, mas ativamente moldando a produção e consumo de desinformação. A presença massiva de links internos à plataforma (7.546 ocorrências) mostra um sistema endógeno que se autoalimenta, enquanto a simbiose entre sites, canais e grupos cria ecossistemas que reforçam narrativas anticientíficas.

Por fim, este estudo além de integrar minha pesquisa de mestrado em desenvolvimento, também oferece contribuições para estudos futuros que tenham a mesma temática, ou que visem a análise de metadados aqui não compreendidos. Uma vez que, o combate à desinformação exige como demonstrado, uma compreensão multifacetada, não somente do fenômeno analisado, mas também de suas implicações dentro e fora dos ambientes digitais.

Referências

ALZAMORA, Geane; MENDES, C.; RIBEIRO, Daniel Melo. **Sociedade da desinformação e infodemia**. Olhares Transversais, v. 1, 2022. APS, LR de MM; PIANTOLA, MAF; PEREIRA, SA; CASTRO, JT de; SANTOS, FA de O.; FERREIRA, LC de S. Eventos adversos das vacinas e consequências da não vacinação: uma revisão crítica. Revista de Saúde Pública, [S. l.], v. 52, pág. 40, 2018. DOI: 10.11606/S1518-8787.2018052000384. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rsp/article/view/145028>

CAVALINI, A. **Um estudo de caracterização do uso do Telegram como veículo de desordem informacional**. 2022. Disponível em: https://athus.dev/assets/monografia_athus.pdf

COUTINHO, R. **O Ecossistema Desinformacional do Telegram: Mapeamento dos Atores e Tipologia das Desinformações Constituídas Pelo Movimento Antivacina**. 2023.

D'ANDRÉA, Carlos; HENN, Ronaldo. **Desinformação, plataformas, pandemia: um panorama e novos desafios de pesquisa**. Revista Fronteiras, v. 23, n. 2, 2021. Disponível em: <https://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/23786>

KATA, A. Anti-vaccine activists, Web 2.0, and the post-modern paradigm – An overview of tactics and tropes used online by the anti-vaccination movement. Vaccine, v. 30, p. 3778– 3789, 2012.

NASCIMENTO, Leonardo F. et al. **Públicos refratados: grupos de extrema-direita brasileiros na plataforma Telegram**. Internet & Sociedade, v. 3, n. 1, p. 31-60, 2022. Disponível em: <https://revista.internetlab.org.br/wp-content/uploads/2023/01/publicos.pdf>

MENEZES, A. **Na contramão da inclusão: do you speak English?**. Mídia Ninja, 14 mar. 2023. Disponível em: <https://midia.ninja/opinioes/na-contramao-da-inclusao-do-you-speak-english/> .

SCHEREN, Maria Luiza et al. **Métodos mistos para a antropologia digital: um relato de experiência sobre a análise de grupos bolsonaristas na plataforma Telegram**. Horizontes Antropológicos, v. 30, n. 68, p. e680407, 2024.

RECUERO, Raquel. **Introdução à análise de redes sociais online**. 1. ed. Salvador: EDUFBA, 2017.